

## O MITO DE ANTÍGONA EM PORTUGAL

### Cronologia das recriações, edições e encenações

<b>1930</b>	António Sérgio, <i>Antígona. Drama em Três Actos</i> , Porto, Edição da República, 1930. Esta peça que o próprio Sérgio definiu como “estudo social em forma dialogada” nunca foi representada.
<b>1946</b>	Júlio Dantas, <i>Antígona. Peça em 5 actos, inspirada na obra dos poetas trágicos gregos e, em especial, na Antígona de Sófocles</i> , Lisboa, Livraria Bertrand, 1946. — 20.4.1946: estreia da <i>Antígona</i> de Júlio Dantas, no Teatro Nacional D. Maria II (Lisboa) pela Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro. Entre 28.10 e 3.11.1946, esta Companhia concessionária do Teatro Nacional leva a peça ao palco do Teatro Rivoli (Porto).
<b>1953</b>	19-20.9.1953: com encenação de António Moura de Magalhães, a <i>Antígona</i> de Júlio Dantas é levada à cena por um grupo amador, em Castanheiro do Norte (Trás-os-Montes). — António Pedro conclui, em Moledo do Minho, a 20 de Novembro de 1953, a sua <i>Antígona. Glosa Nova da Tragédia de Sófocles em 3 actos e 1 prólogo incluído no 1.º acto</i> . Este texto, escrito expressamente para ser representado pelo Teatro Experimental do Porto, seria publicado, em 1.ª edição, no Porto, pelo Círculo de Cultura Teatral, provavelmente em 1957.
<b>1954</b>	18.2.1954: estreia da <i>Antígona</i> de António Pedro, no Teatro de S. João (Porto), pelo Teatro Experimental do Porto (2.º espectáculo deste novel grupo), sob a direcção do próprio António Pedro. Depois da estreia, esta “glosa nova da <i>Antígona</i> de Sófocles” foi representada pelo TEP em diferentes cidades do país mais de uma dezena de vezes: Porto (Teatro de S. João, 19.2.1954; Teatro Sá da Bandeira, 9-10.4.1954), Braga (Teatro-Circo, 9.3.1954), Guimarães (Teatro Jordão, 10.3.1954), Viana do Castelo (Teatro Sá de Miranda, 12.3.1954), Aveiro (?, 3.1954), Lisboa (?, 3.1954), Coimbra (5.4.1954).

	<p>— João de Castro Osório, <i>A Trilogia de Édipo</i>, Lisboa, Sociedade de Expansão Cultural, 1954. Esta obra, com uma “nota crítica” (posfácio) assinada pelo autor e datada de 3 de Novembro de 1954, é constituída por três tragédias tematicamente encadeadas: <i>A Esfinge</i> (1.<sup>a</sup> tragédia, pp. 11-60), <i>Jocasta</i> (2.<sup>a</sup> tragédia, pp. 61-128) e <i>Antígona</i> (3.<sup>a</sup> tragédia, pp. 129-206).</p>
<p><b>1956</b></p>	<p>Por ocasião das comemorações dos “30 Anos de Cultura”, a Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, participando no Festival de Teatro Português, uma década depois da 1.<sup>a</sup> encenação, volta a representar, com um elenco renovado, a <i>Antígona</i> de Júlio Dantas.</p> <p>— 16.11.1956 e nos dias que se seguiram: reposição, no Teatro de Algibeira (Porto), da <i>Antígona</i> de António Pedro, pelo Teatro Experimental do Porto (7.º espectáculo do grupo).</p>
<p><b>1957</b></p>	<p>António Pedro, <i>Antígona. Glosa Nova da Tragédia de Sófocles em 3 actos e 1 prólogo incluído no 1.º acto</i>, Porto, Círculo de Cultura Teatral, 1957 (?).</p> <p>— 19-22.2.1957: o Teatro Experimental do Porto leva à cena do Teatro da Trindade (Lisboa) a <i>Antígona</i> de António Pedro, com encenação do próprio autor.</p>
<p><b>1959</b></p>	<p>14.8.1959: com encenação de Aníbal Pina, a Juventude Operária Católica (secção de Leça da Palmeira – Matosinhos) representa a <i>Antígona</i> de António Pedro.</p> <p>— 26.8.1959: o grupo de Teatro do Centro Ramalho Ortigão (Porto), integrando a eliminatória da zona norte do Concurso de Arte Dramática das Colectividades de Cultura e Recreio (categoria A), promovido pelo Secretariado Nacional de Informação, leva ao palco do Teatro Sá da Bandeira (Porto) a <i>Antígona</i> de António Pedro, encenada por Jayme Valverde. Apurado para a final deste concurso que decorreu no Teatro da Trindade (Lisboa), o grupo volta a representar a peça um mês depois, a 24.9.1959.</p> <p>— 27.8.1959: a Associação Recreativa e Dramática “Rocha Silvestre” (Oliveira do Douro, V. N. Gaia), com encenação de Emídio Fernandes, leva à cena do Teatro Sá da Bandeira (Porto) a <i>Antígona</i> de Júlio Dantas.</p>
<p><b>1960</b></p>	<p>1.6.1960: a <i>Antígona</i> de António Pedro é reposta pelo grupo de teatro do Centro Ramalho Ortigão (Porto), no Teatro Rivoli (Porto).</p>
<p><b>1969</b></p>	<p>23.5.1969: com encenação de José Brás, o Teatro de Estudantes do Instituto Industrial do Porto estreia, no Teatro de S. João (Porto),</p>

	<p>a <i>Antígona</i> de António Pedro. Três meses mais tarde (22.8.1969), o grupo, participando na eliminatória do Concurso de Arte Dramática das colectividades de Cultura e Recreio e dos Grupos Dramáticos Independentes, volta a representar a peça no Teatro Sá da Bandeira (Porto), sendo apurado para a final que decorreu no Teatro da Trindade (Lisboa), a 16.10.1969.</p> <p>— 28.6.1969: o Grupo Cénico da Companhia Nacional de Navegação leva ao palco do seu “Teatro de Bolso” (Lisboa) a <i>Antígona</i> de António Pedro, com encenação de Rui de Matos. A representação repete-se, no mesmo local, cerca de quatro meses mais tarde (16-18.10.1969).</p>
<b>1970</b>	<p>20.7.1970 e dias seguintes: dirigida por Augusto Figueiredo, a Companhia de Teatro Popular representa a <i>Antígona</i> de António Pedro, no Teatro da Estufa Fria (Lisboa).</p>
<b>1972</b>	<p>Sophia de Mello Breyner Andresen, “Catarina Eufémia”, <i>Dual</i>, Lisboa, Moraes Editores, <sup>1</sup>1972, p. 76 (2.<sup>a</sup> ed.: Lisboa, Moraes Editores, 1977; 3.<sup>a</sup> ed.: Lisboa, Edições Salamandra, 1986). Neste poema que foi incluído também em <i>Obra Poética III</i>, Lisboa, Caminho, 1991, p. 164, Sophia aproxima a atitude intrépida de Catarina Eufémia da de Antígona, duas mulheres que ousaram “fazer frente” e personificaram a “inocência frontal” que não recuou na defesa da justiça.</p>
<b>1981</b>	<p>António Pedro, <i>Teatro Completo</i>, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Biblioteca Nacional, 1981 [pp. 255-330: <i>Antígona. Glosa Nova da Tragédia de Sófocles em 3 actos e 1 prólogo incluído no 1.º acto</i>].</p>
<b>1991</b>	<p>Hélia Correia, <i>Perdição. Exercício sobre Antígona. Florbela. Teatro</i>, Lisboa, D. Quixote, 1991.</p>
<b>1992</b>	<p>Eduarda Dionísio, <i>Antes que a Noite Venha</i>, Lisboa, Cotovia/Teatro Nacional D. Maria II, 1992 [pp. 33-42: “Falas de Antígona”].</p> <p>— 13.3.1992: o Teatro da Cornucópia estreia <i>Antes que a Noite Venha</i>, um espectáculo encenado por Adriano Luz, que esteve em cena durante um mês, no Teatro do Bairro Alto, em Lisboa.</p>
<b>1993</b>	<p>18.9.1993: Encenada por João Mota, <i>Perdição – Exercício sobre Antígona</i> de Hélia Correia é representada pela “Comuna Teatro de Pesquisa”, na sua Sala Nova, em Lisboa.</p>

<b>1996</b>	15-21.1.1996: o Grupo de Teatro de Letras <i>Artec</i> (Lisboa), sob a direcção artística de Marcantónio Del-Carlo, apresenta no Bar Novo da Faculdade de Letras de Lisboa uma versão livre da <i>Antígona</i> de António Pedro. Novas representações se sucedem, no mesmo local, nos dias 2 e 3 de Fevereiro e 8 de Maio.
<b>1997</b>	25.5.1997: no Auditório da Filandorra Teatro do Nordeste (Vila Real) jovens alunos do 11.º ano da Escola Secundária de N.ª S.ª da Boavista (Vila Real) representam a <i>Antígona</i> de António Pedro, um espectáculo da responsabilidade de Acácio David Pradinhos.
<b>1999</b>	21 e 26.5.1999: com encenação de José A. Pinto, o Grupo Académico de Teatro Amador (GATA) representa, na Aula Magna da Faculdade de Filosofia (Braga), a <i>Antígona</i> de António Pedro. — É publicado, em Coimbra, no mês de Outubro, o n.º 1 de <i>Alma Azul – Revista de Artes e Ideias</i> , que inclui sete poemas que evocam a figura mítica de Antígona: <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ José Tolentino Mendonça, “Antígona e a lei dos homens”, <i>Alma Azul. Revista de Artes e Ideias</i> 1 (1999) 7.</li> <li>▪ Álvaro Alves de Faria, “Que justiça é essa assim sem rumo...”, <i>Alma Azul. Revista de Artes e Ideias</i> 1 (1999) 8.</li> <li>▪ Rui Zink, “Coisa muito triste”, <i>Alma Azul. Revista de Artes e Ideias</i> 1 (1999) 9-11.</li> <li>▪ Adília Lopes, “(Copiado de Sofia)”, <i>Alma Azul. Revista de Artes e Ideias</i> 1 (1999) 12.</li> <li>▪ João de Mancelos, “Promessa de Antígona a Polinices, seu irmão”, <i>Alma Azul. Revista de Artes e Ideias</i> 1 (1999) 16-17.</li> <li>▪ José Leon Machado, “O novo colar de Antígona”, <i>Alma Azul. Revista de Artes e Ideias</i> 1 (1999) 18.</li> <li>▪ Joaquim Matos, “Antígona”, <i>Alma Azul. Revista de Artes e Ideias</i> 1 (1999) 20.</li> </ul>
<b>2001</b>	Carlos André, “Antígona”, in <i>Teias</i> , Lisboa, Editorial Presença, 2001, p. 28.